O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

O PRODUTOR PRECISA PROTEGER O SEU PREÇO

O CENÁRIO perfeito de gestão para o produtor rural envolveria a venda da produção a preços mais elevados, a aquisição de insumos a preços mais baixos e a busca pela máxima produtividade. No entanto, aguardar o momento mais propício para obter preços vantajosos não se revela uma estratégia eficaz, devido à imprevisibilidade do mercado. Prova disso é o recente movimento de alta do dólar, que, no momento de fechamento desta edição, está perto de R$ 5,20. Apesar disso, a ***Agroanalysis*** continua acreditando na queda da moeda norte-americana.

Nesta edição, apresentamos na capa um artigo que destaca a importância da gestão de risco de resultados na agricultura, enfatizando a necessidade de uma estratégia sólida para garantir a perpetuação da atividade e o crescimento da renda. O foco principal é alcançar o equilíbrio entre risco e lucro considerando a complexidade da atividade agropecuária. Nesse cenário, a operação de *hedge* torna-se um importante instrumento de proteção de risco, possibilitando ao produtor posicionar-se em relação à trava de preços para uma data futura. São abordados conceitos como a escolha da tecnologia, o uso de derivativos agropecuários e a influência de fatores como o mercado, o clima e os custos.

Na seção Mercados & Negócios, destacamos a importância da bioeconomia como um passo crucial para a transição verde do Brasil. Sendo considerada a bioeconomia uma prioridade global, o artigo apresenta a diferença entre os três conceitos predominantes relacionados a ela: bioecologia, biotecnologia e biorrecursos. Cada uma dessas abordagens enfoca a sustentabilidade e o uso de recursos naturais de uma forma específica. A Europa já apresenta um dos projetos mais robustos, em função da sua força econômica e projeção global. O Brasil é visto como tendo uma vantagem comparativa significativa, com vastos recursos naturais preservados e capacidade técnica de produção sustentável. A colaboração do Estado é essencial para que o País desenvolva o seu próprio Plano de Bioeconomia, visando ao seu potencial de se tornar líder global nesse campo.

Frear o desmatamento na Amazônia e cumprir, com rigor, o Código Florestal são condições críticas para a sustentabilidade da economia brasileira. Em agosto último, o Supremo Tribunal Federal (STF) iniciou o julgamento dos embargos de declaração da Ação Declaratória de Constitucionalidade (ADC) 42. A decisão do STF sobre a definição de "identidade ecológica" tem o potencial de impactar a implementação do novo Código Florestal e os mecanismos de compensação de Reserva Legal (RL). O STF deve esclarecer se esse critério será aplicado somente à Cota de Reserva Ambiental (CRA) ou se será estendido a outros métodos de compensação. A falta de uma definição objetiva para identidade ecológica pode tornar o processo de compensação subjetivo, aumentando a incerteza e podendo, paradoxalmente, incentivar o desmatamento legal.

Outro destaque desta edição é o artigo que versa sobre o sucesso do agro ao longo dos anos. O setor agropecuário no Brasil passou por uma significativa transformação, tornando-se altamente eficiente e produtivo. Essa mudança deve-se a fatores como estabilidade econômica, baixas taxas de juros, instrumentos de crédito e aumento do financiamento privado. Além disso, é preciso frisar que a pesquisa e a adoção de tecnologias desempenharam um papel fundamental, como a incorporação de bioinsumos e a tecnologia conservacionista. Ademais, reformas estruturais, como a eliminação da exportação de impostos e a reforma portuária, contribuíram para a competitividade do setor. Outros fatores incluem a abertura econômica de 1990, que pressionou o setor a se tornar mais competitivo, e a eliminação de autarquias que estatizavam o comércio. A migração de produtores para regiões de fronteira agrícola também impulsionou o crescimento. É essencial continuar investindo em reformas, pesquisa, empreendedorismo e parcerias público-privadas para manter o sucesso do setor agropecuário no Brasil.

Por fim, trazemos como conteúdo especial da edição o monitor da safra 2023/24 do setor sucroenergético. O destaque dá-se para a maior produção em relação ao ciclo anterior. Contudo, a intensidade desse crescimento dependerá da capacidade das usinas de operacionalizarem a colheita nos próximos meses. A valorização do açúcar impulsionou o faturamento das usinas, apesar da queda nos preços do etanol vendido internamente como combustível. O cenário dos últimos anos foi desafiador devido a fatores como seca, mudanças nos tributos sobre os combustíveis e atrasos no cumprimento das metas de descarbonização da Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio). A expectativa é de que a safra 2023/24 seja maior do que aquela registrada no último ciclo, mas o ritmo de colheita nos próximos meses, influenciado pela condição climática, será determinante para a intensidade desse crescimento. ■